

A Razão Institucional

Raul Pilla

NA recente mensagem presidencial — notou o deputado Raimundo Padilha — nenhuma palavra se diz sobre a crise cambial, a dificultosa situação do café e o grave desequilíbrio no balanço internacional de pagamentos.

No vigente regime político é principalmente mediante tais documentos que o governo fala ao país, prestando contas do que fez e anunciando o que pretende fazer. São ao mesmo tempo um relatório e um programa de administração. No sistema parlamentar também se lêem mensagens do chefe do Estado, mas, estando o governo em permanente contacto com o parlamento, apresentam elas uma feição sintética e apenas traçam as grandes linhas da evolução política e administrativa do país. Tais eram as «falas do Trono», no tempo do Império. Explicável seria, então, a omissão apontada pelo brilhante deputado no documento anual, pois o governo, ou teria resolvido os problemas a contento do parlamento, ou teria cedido o passo a quem pudesse fazê-lo.

Não há, pois, como justificar o silêncio do governo a respeito daquelas candentes questões; mas também não há porque estranhá-lo. Em verdade, neste sistema que se diz democrático e alguns supõem cãndidamente ser a última palavra da democracia representativa, pode o governo fazer o que bem lhe parece. E como, neste regime de plena irresponsabilidade, é muitas vezes mais fácil fazer, do que justificar o que se faz, o governo preferiu silenciar, a falar dos escaldantes problemas no mais solene dos seus documentos políticos. O silenciar não somente não lhe empece o agir — coisa que não se conceberia no sistema parlamentar, que é o regime da discussão plena e eficaz — mas até lhe favorece. Enquanto a oposição se esbofa, o governo vai fazendo...

Esta é a razão de ordem institucional que explica o pasmoso silêncio do governo a respeito da tremenda situação económica e financeira, em que se encontra o país. É do regime.